



LEI N.º 2100 DE 12 DE AGOSTO DE 1959
DA DENOMINAÇÃO DE PROF. RENÉ DE OLIVEIRA BARRETO A
UMA RUA DA CIDADE

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO
MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Prof. René de Oliveira Barre-
to, a via pública que abrange a rua 9 do Jardim Boa Esperança,
continuação, e parte da rua 1 do Jardim Boa Esperança, a qual
tem início na rua 5 deste loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 12 de agosto de 1959.
José Nicolau Ludgero Maselli — Prefeito Municipal
Engo. José Benedito de Mello — Secret. de Obras e Servs. Públicos
Publicada no Departamento de Expediente da Prefeitura
Municipal em 12 de agosto de 1959.
Alvaro Ferreira da Costa — Diretor

Reparando Injustiças

O nome do prof. Renê de Oliveira Barreto para uma rua da cidade

ALAIR MALTA GUIMARÃES

Para hoje escolhemos o nosso professor campineiro, o saudoso Renê de Oliveira Barreto, irmão do não menos saudoso Arnaldo Barreto, já homenageado por Campinas. Renê Barreto, como era conhecido, foi casado com uma educadora não menos ilustre, a professora Dona Rita de Macedo, autora da coleção de livros didáticos "Corações de Crianças", que muitos de nós usamos nos bancos do curso primário e do qual mais de um milhão de exemplares foram tirados e ainda continuam em uso. Dela, falaremos oportunamente, muito embora não tenha nascido em Campinas.

Mas, depois do que disse Antônio D'Avila em "brilhante trabalho intitulado "História da Educação no Brasil", publicado na Revista Educação, volume XXXIII — nos 46 e 47, Órgão do Departamento de Educação da Secretaria da Educação e Saúde Pública do Estado, que poderíamos dizer nós a respeito desse insigne filho de Campinas?

A resposta é só uma: nada, absolutamente nada. Antônio D'Avila já disse tudo quanto se poderia imaginar desse ilustre filho de Campinas. Assim, nada mais nos resta senão transcrever o referido trabalho.

Renê Barreto, esquecido de sua terra natal, já tem homenagem pública na Cidade de São Paulo. Ela está perpetuada na Praça situada na Lapa, na rua Jorge Dronsfeld.

E' preciso que Campinas faça o mesmo. Daqui, pois, o nosso apelo ao ilustre Prefeito.

Vejamos o que disse Antônio D'Avila:

"... Renê de Oliveira Barreto era, verdadeiramente, uma legítima expressão de brilho intelectual e de capacidade criadora. A sua prosa e o seu verso, a docência em que foi perito demonstraram rara envergadura de pensamento a serviço da educação, pujante talento e imaginação vivaz.

Renê de Oliveira Barreto foi o porta-voz dos sonhadores desse tempo (1890), a inspiração mais rica de nossas letras pedagógicas. A obra poética que deixou, sem codificá-la em volume, é certo, mas esparsa e perdulária, consagra-lhe o nome com o justo título de "poeta da criança paulista".

Os irmãos Oliveira Barreto, na história ignorada das dedicações humanas, merecem especial citação. Quando se vêem privados de pai, ainda crianças, unem-se eles, em a-

morosa e fortalecedora, dedicação recíproca e enfrentam corajosamente a sorte. Arnaldo, aos 10 anos, é tipógrafo. Com o que ganha ajuda o irmão que, no Rio, estuda Engenharia civil. Quando Arnaldo vem estudar na Normal de S. Paulo, Renê empresta-lhe o minguado auxílio que então podia. E 3 irmãos crescem assim para a luta e vencem a tormenta que os rodeia. E poderiam cantar vitória não lhes cortasse a sorte o fio das esperanças mais belas. O irmão recém formado, no Rio, vem morrer tragicamente nas águas ruidosas do Rio Jaguará.

Renê de Oliveira Barreto nasceu em Campinas, a 30 de julho 1872, filho do farmacêutico Antônio Jesuino de Oliveira Barreto e de dona Aristéa Brasilliana de Lemos Barreto. Fez seus primeiros estudos no "Colégio Internacional", dirigido pelo professor Morton. Matriculado na Escola Normal de S. Paulo, formou-se em 1895, sendo, logo depois, nomeado para a Escola Complementar. Por vários anos foi inspetor escolar e mais tarde lente de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal Secundária da Capital.

Desde os tempos de estudante colaborou em diversos jornais campineiros e de S. Paulo. Com Benedito Otávio e Alberto de Faria escreveu peças teatrais a pedido do grande bispo campineiro D. Neri, para serem representadas em benefício das obras do Liceu de Artes e Ofícios (hoje Liceu N. S. Auxiliadora). Entre elas citam-se "Parvolino", drama em 4 atos e a revista "O número 4.320". Tais peças, escritas em versos de forma apurada, alcançaram grande êxito.

Renê Barreto escreveu inúmeras poesias que se acham espalhadas pelos jornais, revistas e livros didáticos. Foi autor do primeiro Hino da Escola Normal de S. Paulo e de outros hinos escolares, cantados até hoje em nossos estabelecimentos de ensino. Escreveu também uma "História da Pedagogia", sob o pseudônimo de "Um professor", livro único no gênero editado em português.

Pouco antes de sua morte iniciou a publicação de uma obra interessante, matemática para uso de professores, não chegando a completar o trabalho, de que deixou apenas dois volumes.

Renê Barreto foi casado com a professora D. Rita de Macedo.

Faleceu aos 15 de maio de 1916, na cidade de São Paulo.



RENÉ BARRETO

Agora — mais um campineiro ilustre que aparece e que tanto enriqueceu as nossas letras com o primor de sua poética. É ele René Barreto, educador emérito e que dotou os foros da literatura didática com o seu precioso livro "História da Pedagogia", obra acatada com referências elogiosas pelos mestres do assunto e adotada, com proveito integral, por muitos estabelecimentos de ensino do país.

Talento de escol e capaz de arrojados vãos aos domínios da arte de educar, encontrava ele ainda, nas horas de recolhimento, tempo bastante para entregar-se ao carinho das rimas e à cadência dos sons.

Vejamos este extraordinário soneto "Rei Lear", escrito por ele e até hoje lembrado e declamado por muitos campineiros:

Contaram-me uma vez, a tua triste história
E a tua, ó velho rei, desventura tamanha,
E desde então jamais saiu-me da memória
O teu estranho vulto, a tua sorte estranha.

E vejo-te banhada a fronte merencória
No pranto que em seguida as barbas tuas banha
Correndo, ó velho doido, a doida trajetória
De um val a outro val, de montanha a montanha!

E parece-me ouvir as montanhas e os vales
Repetirem, gemendo, a história dos teus males
E a torpe ingratição de tuas torpes filhas.

Querer, ó rei, dormir da gratidão nos braços
— É ser como o viajor que, exausto, de membros lassos,
Repousa incautamente ao pé das mancenilhas!



Cam